

OXIGÊNIO

JANEIRO 2022



NÚMERO 29

UM PASSEIO PELA VIDEOARTE DA AMAZÔNIA



EDITORIAL

2022. Pois agora!

Que seja um ano novo de fato. Onde o conhecimento seja reverenciado, o preconceito seja banido, a justiça, justa. Que os verbos renovar, aceitar, resistir, resignificar, renascer, perdoar, compreender, fortificar, aprender, refazer, educar, agradecer, solidarizar, florescer, sorrir e amar sejam o norte desse e dos próximos 11 meses.

Para Aristóteles, a felicidade é a finalidade das ações humanas; para Epicuro, a felicidade ocorre através da satisfação dos desejos. Bachelard afirma que para ser feliz é necessário pensar na felicidade do outro; para Platão é desejar o belo e obter meios para alcançá-lo. Sêneca afirma que feliz é o homem que entrega à razão o direcionamento de toda a sua vida. Para Gonzaguinha, *“Viver é não ter a vergonha de ser feliz”!*

Para a Oxigênio Revista é tudo isso, junto e misturado. Sempre com arte. Arte de exibir os sentimentos do mundo. De respirar talentos e sabedorias. De qualquer lugar. Criados por qualquer pessoa.

O Salão de Arte do Pará, que exibe a história da Amazônia através das lentes, é um ótimo exemplo, assim como a 25ª edição do Festival de Cinema de Tiradentes (MG), o 17º Festival Internacional de Música de Santa Catarina, as comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna de 1992 e os trabalhos de Stephen Bell, em exibição na galeria postROOM, em Londres.

Boa leitura e Feliz Novo Ano!

Foto de capa: Salão Arte Pará, performance *“Fauna Amazônica”*, Grupo EmpreZa

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: Para começar o ano com as boas vibrações da música | São Paulo enaltece o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 | 17ª edição do Festival Internacional de Música de Santa Catarina acontece de 16 a 29 e celebra a Semana de Arte Moderna e o bicentenário da independência

16

CINEMA: *Mostra de Cinema de Tiradentes* retorna à cidade histórica para comemorar 25 anos de cinema brasileiro

20

VIDEOARTE: 39ª edição do *Salão Arte Pará* utiliza a tecnologia do vídeo em artes visuais e presta homenagem especial ao multiartista Vicente Cecim

28

TURISMO: Ilha de Páscoa – Os segredos de Rapa Nui

36

EXPOSIÇÃO / ARTES PLÁSTICAS: Zipper Galeria (SP) abre calendário de 2022 a partir do dia 15, com duas exposições – *13º Salão de Artistas sem Galeria* e *Corpos Múltiplos na Construção da Paisagem*, de Evandro Angerami

40

MAM RJ – PROGRAMAÇÃO DE VERÃO: MAM RJ abre janeiro com programação de verão gratuita para todas as idades

44

DIRETO DE LONDRES: Stephen Bell – O conflito entre a cultura kitsch, o pop e efeitos teatrais

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Antonella Kann

Para começar o ano com as boas vibrações da música

Depois de um ano e meio sem grandes eventos, o mercado de entretenimento entra em 2022 com força total. Veja abaixo os destaques de janeiro e programe-se!

FESTIVAL UNIVERSO SPANTA | A PARTIR DO DIA 6 – MARINA DA GLÓRIA / RJ

O Universo Spanta é o principal festival de música brasileira pós-Covid, abrindo o verão carioca de 2022. Na verdade, é um dos pioneiros entre os grandes eventos de retomada do Rio pós-pandemia, e reunirá uma Babel de gente em torno da música brasileira, porta-estandarte de nossa identidade em suas mais diversas manifestações. Três palcos compõem o cenário para a apresentação de artistas de diferentes gêneros, com programação para toda as idades durante 15 dias. Para começar, uma justa homenagem: o dia 6 de janeiro, noite de lançamento, será dedicado aos profissionais de saúde, que terão entrada gratuita e poderão curtir, entre outras apresentações, Lulu Santos e Luisa Sonza. Mas não para por aí: o público terá a oportunidade de conferir mais de 100 atrações durante os dias 7, 8, 9, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 28, 29 e 30 de janeiro.

Mais informações em <https://universospanta.com.br/>



Foto: Marcos Hermes



Foto: Leo Aversa

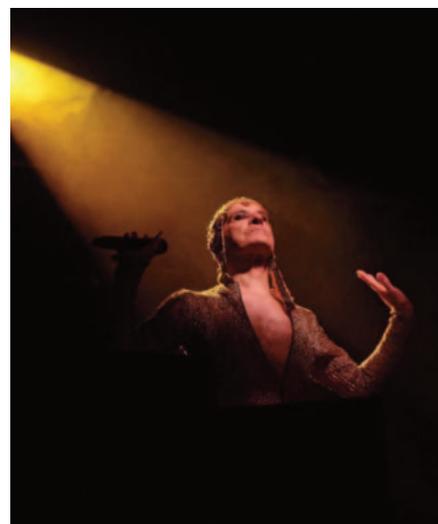


Foto: Loriza Lacerda, site do artista

MART'NÁLIA

Dia 5 – Pousada Coco Brasil – Caraíva / BA

Dia 8 – Circo Voador / RJ

Mais informações em

<https://www.martnalia.com.br/agenda/>



Foto: Nil Caniné / Divulgação

LULU SANTOS

Dia 15 - Espaço das Américas / SP

Dia 22 – QualiStage / RJ

Dias 28 e 29 - Palácio das Artes / BH

Mais informações em

<https://lulusantos.com.br/agenda/>

MAESTRO JOÃO CARLOS MARTINS E MARIA BETHÂNIA IN CONCERT DE BEETHOVEN A BETHÂNIA

Dia 15 – QualiStage / RJ



Foto: Divulgação

MARISA MONTE

Dias 19, 21 e 22 - Jeunesse Arena

(Rio Olympic Arena) / RJ

Dias 27, 28 e 29 - Espaço das Américas / SP

Mais informações em

<https://www.marisamonte.com.br/>



Foto: Reprodução / Site da artista

ERASMO CARLOS

Dia 23 – Vivo Rio / RJ

Mais informações em

<https://www.eventim.com.br/event/erasmo-carlos-vivo-rio-14210764/>

IRMÃOS - ALEXANDRE PIRES E SEU JORGE

Dia 27 – Live Curitiba / PR

Dia 29 - Xangri-lá, Maori Beach Club / RS

GAL COSTA

Dia 29 – Teatro Castro Alves, Salvador / BA

Mais informações em

https://galcosta.com.br/sec_agenda.php



Foto: Teca Lamboglia / Wikipédia



Foto: Domínio público

SÃO PAULO CELEBRA O CENTENÁRIO DA SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

Uma vasta programação que se estende ao longo de todo o ano nas áreas das artes visuais, audiovisual, dança, festivais/eventos multilinguagem, literatura, música, seminários/palestras/cursos/oficinas e teatro. Confira aqui algumas sugestões.

Programação completa em <https://www.cultura.sp.gov.br/semana22/programacao/>



ARTES VISUAIS

"Antropofagia" – Exposição nas Fábricas de Cultura da Zona Norte, Zona Sul e Diadema, com obras de artistas locais refletindo sobre arte e a relação centro-periferia (janeiro a abril de 2022).

"Abaporu Periférico Mapeado" – Mostra na Fábrica de Cultura de São Bernardo do Campo, com projeção mapeada de grafites (fevereiro de 2022).

"Modernismo Vivo" – Instalação na Casa Guilherme de Almeida. Entre os destaques, autores e artistas que participaram da Semana de 22 (8 de fevereiro a 30 de dezembro de 2022)

"Mário de Andrade – Eu sou 300, 350" – Exposição e programação cultural no Museu Afro Brasil. Aborda cultura material, literatura, artes visuais, música e uma ambientação da São Paulo dos anos 20. Curadoria de Emanuel Araújo (25 de janeiro a julho de 2022).

"Candido Portinari, um Mestre da Pintura – Coletânea Virtual" – Exposição no Museu Casa de Portinari, com tecnologia de realidade aumentada reunindo a vasta produção do pintor (13 de fevereiro a 22 de agosto de 2022 – Brodowski/SP).

"O Atelier de Brecheret" – Museu Catavento, instalado no imponente do Palácio das Indústrias, local onde o artista – um dos expoentes da Semana de 22 – teve seu ateliê de esculturas instalado. (janeiro a março de 2022).

"O Modernismo de John Graz" – Museu da Casa Brasileira. Exposição realizada em parceria com o Instituto John Graz, apresentará grande retrospectiva do designer suíço radicado no Brasil com projetos inéditos, fotografias, maquetes e objetos interativos. Curadoria de Ginter Parschalk e Baba Vacaro (abril a junho de 2022).

"Modernismo Brasileiro, Design e Arquitetura – 1922 e Depois (?)" – Exposição e debates no Museu da Casa Brasileira, sobre o pioneirismo modernista de designers que atuaram no período da Semana de 22 e a continuidade desses ideais na produção contemporânea (1º trimestre de 2022).

"Antropofagia: Múltiplos Olhares" – Exposição virtual, webinar e mostra de filmes organizada pelo Museu Índia Vanuíre, abordando a relação entre a cultura indígena, o movimento modernista e a produção de arte contemporânea (fevereiro a abril de 2022 - Tupã/SP).

"100 Anos Modernos" – MIS-SP. Mostra em parceria com a Bienal do Mercosul (fevereiro a maio de 2022).

"Portinari Por Todos" – MIS Experience. Exposição imersiva e interativa (janeiro a junho de 2022).

"SP Vinte e Dois" – Museu da Língua Portuguesa. Mostra e programação cultural sobre identidades nacionais e regionais na literatura, à luz do modernismo e da relação centro-periferia em São Paulo (abertura da exposição 11 de junho / programação cultural fevereiro a setembro de 2022).

"A Arte Sacra dos Modernistas" – Museu de Arte Sacra de São Paulo, com obras de artistas modernistas criadas a partir da religiosidade e da fé. Curadoria Di Bonetti e Gilson Alcântara (25 de janeiro a 27 de março de 2022).

"O Modernismo e o Patrimônio" – Museu de Arte Sacra de São Paulo. Exposição e programação cultural sobre a relação entre modernismo e patrimônio no Brasil entre os anos 1920 e 1950. Com curadoria de Guilherme Wisnik (25 de setembro a 19 de novembro de 2022).

"Mário de Andrade e o Patrimônio Cultural Brasileiro" – Museu do Café. Mostra sobre Mário de Andrade, sua relação visceral com a preservação do patrimônio cultural brasileiro e com a elite cafeeira (1º semestre de 2022).

"De 1822 a 1922: Brasilidades em Campo" – Museu do Futebol. Exposição e programação cultural (25 de janeiro a junho de 2022).

"Uma Semana + 100 Anos" – Palácio dos Bandeirantes e Palácio Boa Vista (Campos do Jordão). Exposição e programação cultural, apresentando obras icônicas do modernismo brasileiro que revelam histórias, percursos estéticos e o contexto artístico, social e político antes, durante e depois da Semana de Arte Moderna de 1922 (abril a agosto de 2022).

"Pau Brasil - Inspirações Modernistas" – Theatro São Pedro. Exposição e programação cultural, apresentando fotos, manifestos, partituras e outros materiais de obras e autores ligados à Semana de Arte Moderna (6 de maio a 5 de junho de 2022).

AUDIOVISUAL

Série online de vídeos *"Semana de 22 e o Modernismo"*, realizada pela Casa das Rosas, com comentários, mini-resenhas e dicas sobre o tema (janeiro a junho de 2022 – exibição quinzenal).

Série online de vídeos *"Poemas Modernistas"*, realizada pela Casa das Rosas, com leituras de poemas modernistas e comentários feitos por autores contemporâneos (janeiro a junho de 2022 – exibição quinzenal).

Ciclo de cinema *"Cinema Novo e Novos Cinemas"*, na Oficina Cultural Oswald de Andrade, com exibição de filmes e debates sobre os modernistas e as influências do movimento na cinematografia e na arte brasileiras (primeiro semestre de 2022).

Série documental *"Modernistas"* – quatro episódios de 30 minutos produzidos pela TV Cultura, enfocando quatro dos principais nomes da Semana de Arte Moderna: Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e Victor Brecheret (reapresentação de 1º a 4 de fevereiro de 2022).

Série documental inédita *"A Semana que Ninguém Viu, mas o Brasil Jamais Esqueceu"* – cinco episódios de 26 minutos produzidos pela TV Cultura sobre a Semana de 22 e seus reflexos (exibição de 8 a 12 de fevereiro de 2022).

Animação infanto-juvenil inédita *"22 Cem Anos Depois"*, com 26 minutos de duração, produzida pela TV Cultura e Pinguim Content e com direção de Kiko Mistrorigo. Aborda os dias que precederam a Semana de Arte Moderna (estreia 12 de fevereiro de 2022).

Estreia do filme infantil *"Tarsilinha"* – TV Cultura. Inspirado na obra de Tarsila do Amaral e produzido pela Pinguim Content, tem direção de Célia Catunda e Kiko Mistrorigo (exibição 12 e 13 de fevereiro de 2022).

Ciclo de cinema *"Só a Antropofagia nos Une"* – TV Cultura. Filmes brasileiros modernistas que ecoam a Semana de 22 (15 a 18 de fevereiro de 2022).

DANÇA

Ciclo de apresentações *"Solos Brasileiros: uma Dança para Villa-Lobos"*, nas três Oficinas Culturais da Capital, com coreografias e experimentos cênicos criados a partir da obra *"Bachianas Brasileiras"* de Heitor Villa-Lobos (janeiro a fevereiro de 2022).

Temporada de apresentações *"Pau Brasil – Inspirações Modernistas"*, da São Paulo Companhia de Dança e da Orquestra do Theatro São Pedro, no Theatro São Pedro, com coreografias inspiradas em Villa-Lobos (23 de maio a 5 de junho de 2022).

FESTIVAIS / EVENTOS MULTILINGUAGEM

Passeio educativo *"A Semana de 22 Passou por Aqui"*, uma ação da Rede de Museus-Casas Literários que visitará os principais endereços ligados à memória da Semana de 22 e terminará com uma projeção mapeada na Casa Mário de Andrade (13 de fevereiro de 2022).

Festival *"22 Longe do Municipal"*, nas Fábricas de Cultura da Zona Leste e São Bernardo do Campo, apresentando ações de graffiti, literatura e música em alusão à Semana de 22 (1 a 28 de fevereiro de 2022).

Ocupação *"A Semana que Durou um Século"* – Memorial da América Latina, com exposição imersiva, intervenções urbanas, shows, teatro e gastronomia (janeiro a março de 2022).

Festa literária *"Lingua SP"* – Museu da Língua Portuguesa, com literatura, gastronomia, moda, artes plásticas, tecnologia e música com temática alusiva à Semana de Arte de 22 e seus protagonistas (16 e 17 de julho de 2022).

Sarau *"Semana de Arte Moderna"* – Museu do Café e Sesc Santos, com palestras, leituras, apresentações musicais e oficinas abordando as premissas da Semana de 22, a construção da identidade paulista gerada pela oligarquia cafeeira e os reflexos na contemporaneidade (11 a 18 de fevereiro – Santos/SP).

Festival *"Teatro de Vanguarda"* – Oficina Cultural Oswald de Andrade, com espetáculos, debates e oficinas sobre a diversidade do teatro contemporâneo em consonância com o movimento modernista de 22 (janeiro de 2022).



LITERATURA

Reedição ampliada do raro livro de Mário de Andrade, "*O Movimento Modernista*", organizado pela Casa Mário de Andrade (Lançamento em 27 de fevereiro de 2022).

Série de slams "*A Contribuição Milionária de Todos os Erros*", na Casa das Rosas, a partir de uma releitura da tradição modernista (15 de janeiro a dezembro de 2022).

MÚSICA

Apresentações "*Palco Aberto, Legado de 22*" – Auditório Cláudio Santoro, com espetáculos de dança, teatro e concertos que celebram a Semana de 22 e sua repercussão (fevereiro a março de 2022 – Campos do Jordão/SP).

Musical "*A Banda do Villa*" – Conservatório de Tatuí, com bandas sinfônicas do Conservatório de Tatuí e do Projeto Guri apresentando obras inéditas a partir de partituras restauradas de Villa-Lobos (fevereiro 2022 – Tatuí/SP)

Concerto "*Obras Corais do Villa*" – Teatro do Conservatório de Tatuí, com apresentação dos coros do Conservatório de Tatuí e do Projeto Guri, baseados no repertório de Villa-Lobos e de outros compositores modernistas (outubro de 2022 – Tatuí/SP).

Ciclo de concertos "*Compositores do Modernismo e seus Herdeiros*" – Teatro do Conservatório de Tatuí (Tatuí), Teatro Paulo Roberto Lisboa (Presidente Prudente) e Teatro Polytheama (Jundiaí), com grupos artísticos e de referência do Conservatório de Tatuí e Projeto Guri apresentando obras modernistas (novembro de 2022).

Apresentação musical "*Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas*" – Teatro do Conservatório de Tatuí, com grupos artísticos do Conservatório de Tatuí, do Projeto Guri e grupos de tradição popular convidados (novembro de 2022 – Tatuí/SP).

Série de concertos e apresentações musicais "*Parcerias Modernistas*" dos grupos artísticos da EMESP Tom Jobim e do Projeto Guri, na Pinacoteca de São Paulo e no Museu de Arte Sacra de São Paulo (agosto a dezembro de 2022).

Concerto "*Jazz Sinfônica, a Semana de Arte Moderna e o Museu do Café*", da Brasil Jazz Sinfônica no Museu do Café, apresentando repertório do movimento tropicalista que teve como principal influência a Semana de Arte Moderna (fevereiro 2022 – Santos/SP)

Concerto no Carnegie Hall, em Nova Iorque, com obras de Villa-Lobos. Execução pela Osesp com regência de Marin Alsop (14 de outubro de 2022).

Série Concertos a Preço Popular, "*Maratona Modernista*", na Sala São Paulo, com cinco apresentações de autores do modernismo junto aos vencedores do Concurso Jovens Solistas acompanhados pela Osesp e regência de Neil Thomson (março a dezembro de 2022).

Série de concertos "*Clássicos Modernistas*", com a execução pela Osesp na Sala São Paulo de 100 obras de compositores influenciados pelo modernismo (março a dezembro de 2022).

Show "*Novas Pagus*" – SP Escola do Teatro sede Roosevelt, com cantoras da nova geração como Ana Cañas, Anná, Máira Baldaia, Bia Nogueira e Linn da Quebrada que dialogam com a liberdade da mulher da Semana de 22 (1º de fevereiro de 2022).

Série de apresentações "*Poéticas Brasileiras – Semana de 22*" – Theatro São Pedro, com música de câmara inspirada no modernismo e nos desdobramentos do movimento (setembro de 2022).

SEMINÁRIOS / PALESTRAS / CURSOS E OFICINAS

Ciclo de debates "*Antropofagia e Tradução*", na Casa Guilherme de Almeida, sobre o pensamento antropofágico de Oswald de Andrade nas teorias da tradução contemporâneas (dias 6 de abril e 11 de maio de 2022).

Curso "*Modernismo Musical Pós-Semana de 22*", na Casa Mário de Andrade, sobre os principais eventos do modernismo musical e o legado de Mário de Andrade na área da educação musical (março a abril de 2022).

Concurso de violão e piano "*Revisitando o Modernismo*" – Teatro do Conservatório de Tatuí, voltado para obras do período modernista (setembro de 2022).

Webinário "*Censura e Produções Artísticas*", organizado pelo Memorial da Resistência de São Paulo, sobre o revolucionário contexto da Semana de Arte Moderna de 1922, os impactos das proposições estéticas do período e as relações entre instituições culturais, produções artísticas e censura (24 de março de 2022).

Fórum público "*A Semana de 22 Cem Anos Depois*", no Museu Casa de Portinari em parceria com o SISEM-SP, sobre temas centrais da Semana de Arte Moderna e sua correlação nos dias atuais (13 a 17 de fevereiro de 2022).

Ciclo de palestras online "*Conversas Abertas*", organizado pelos Museus-Casas, com autores e estudiosos negros e indígenas sobre arte e identidade nacionais, antes e após o modernismo (janeiro a agosto de 2022 – periodicidade mensal).

Seminário "*Migração, Culturas e Debates: a Semana de Arte Moderna de 1922*", no Museu da Imigração, sobre os processos migratórios e artísticos em torno da Semana de 22 (10 e 11 de fevereiro de 2022).

Série de debates "*Diálogos Imersivos – O Moderno na Arte Brasileira*", no Museu Felícia Leirner, sobre o legado e a repercussão da Semana de 22 na arte brasileira a partir da obra de Felícia Leirner e dos temas correlatos ao museu (fevereiro de 2022 – encontros semanais às quintas-feiras – Campos do Jordão/SP).

Seminário "*Pau Brasil – Improvisações Modernistas*", na Oficina Cultural Oswald de Andrade, com mesas redondas, workshops e improvisações de dança e música. Palestra de abertura com Marília de Andrade, filha do Oswald de Andrade (20, 21 e 22 de maio de 2022).

Ciclo de oficinas "*Didática da Encenação*", na Oficina Cultural Oswald de Andrade, e montagem do espetáculo "*A Morta*", de Oswald de Andrade (segundo semestre de 2022).

17ª edição do FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DE SANTA CATARINA acontece de 16 a 29 e celebra a Semana de Arte Moderna e o bicentenário da independência

Apresentação de ópera

Foto: Chan



Evento em Jaraguá do Sul / SC, volta ao formato presencial, além da transmissão ao vivo para todo o Brasil; grandes nomes da música erudita confirmaram participação. Profissionais que já atuam nas melhores orquestras e iniciantes se apresentam em grandes espetáculos

O evento, que retorna ao formato presencial, com respeito às normas sanitárias de combate à Covid-19, terá 46 apresentações abertas ao público no Auditório do Centro Cultural SCAR. Todas as principais apresentações serão transmitidas ao vivo, em alta definição, pelo Canal do YouTube do Festival:

<https://www.youtube.com/user/institutofemusc>.

A programação do FEMUSC 2022, focada nas datas históricas brasileiras, contará com apresentações, por exemplo, do Hino da Independência do Brasil com canto acompanhado apenas pelo cravo como instrumento musical, em referência às apresentações do século XVII. Já em relação à Semana de Arte Moderna, o evento vai homenagear personagens da música brasileira como Pixinguinha, Ernesto Nazaré e Chiquinha Gonzaga, que se destacaram na época com a aproximação da proposta do Modernismo brasileiro.

“Nossa programação é extensa e é fundamental que os músicos, principalmente os estrangeiros, vivam nossa brasilidade. O festival vai muito além das apresentações. Ele reforça nosso orgulho de ser quem realmente somos”, diz o maestro Alex Klein, um dos

principais oboístas da atualidade, ganhador do “Grammy” na música erudita e idealizador do FEMUSC.

O Festival, que reúne músicos profissionais e amadores do Brasil e exterior, terá também dois programas de estudo: *Música Popular Brasileira* e *Música Antiga*. Essa última vai apresentar obras dos períodos barroco, clássico e colonial, com instrumentos da época.



Grande Concerto

Foto: Chan

ESPETÁCULOS DE ALTO NÍVEL ARTÍSTICO

Diariamente, o público poderá prestigiar diferentes apresentações divididas em quatro séries: shows de música



Profissionais que já atuam nas melhores orquestras e iniciantes se apresentam em grandes espetáculos.

Foto Cesar Castro

popular (Série MPB), concertos de música barroca, clássica e colonial (Série Música Antiga), concertos orquestrais, óperas e música de câmara (Série Grandes Concertos), além de palestras informativas (Série Musicalmente Falando).

Na programação, além das comemorações do bicentenário da Independência e da Semana da Arte Moderna, serão apresentadas obras de mestres da música erudita como W. A. Mozart, Antonio Vivaldi, Johann Sebastian Bach e grandes nomes da MPB como Djavan, Chico Buarque, Edu Lobo, Flavio Venturini e Dominginhos.

UNINDO GERAÇÕES

O FEMUSC é considerado o maior festival-escola não competitivo do país, e que atrai músicos iniciantes e profissionais de diversos estados brasileiros e do exterior. Durante 14 dias, os participantes aprendem e trocam experiências com músicos e professores das mais renomadas orquestras e instituições de educação musical do mundo. Entre os destaques já confirmados para esta edição estão Jane Duboc, uma das grandes vozes da MPB, Marc Destrubé, do violino barroco, a cravista Béatrice Martin, que tocou na abertura da nova Filarmonie de Paris, e Fernando Cordella, um dos principais

cravistas de sua geração na América Latina. Ao final, profissionais e estudantes se apresentam juntos em espetáculos de alto nível artístico internacional.

FEMUSCKINHO

Aprender boa música não tem idade, por isso, paralelamente ao Festival Internacional FEMUSC, acontece o Femusckinho, voltado para o público infanto-juvenil. O objetivo é despertar o interesse pela música erudita em crianças de 6 a 12 anos e adolescentes de 12 a 17 anos. São oferecidas aulas de canto coral, percussão corporal e violino. Em duas semanas, mesmo as crianças sem nenhum conhecimento musical, apresentam seu primeiro concerto como participantes de orquestra.



Desde cedo, as crianças são estimuladas a ter contato com diferentes instrumentos musicais
Foto Chan

SERVIÇO

17ª EDIÇÃO DO FESTIVAL INTERNACIONAL FEMUSC

De 16 a 29 de janeiro de 2022

Local: Auditório do Centro Cultural SCAR

Rua Jorge Czerniewicz - 160, Czerniewicz

Jaraguá do Sul / SC

Transmissão ao vivo para todo o Brasil:

<https://www.youtube.com/user/institutofemusc>

Informações: festival@femusc.com.br

Site: <https://www.femusc.com.br/>



Concerto da tarde

Foto Chan

Mostra de Cinema de Tiradentes retorna à cidade histórica para celebrar 25 anos de cinema brasileiro



O evento que abre o calendário audiovisual brasileiro acontece de 21 a 29, em formato híbrido – presencial e online. A Mostra de Cinema mais aguardada do ano comemora Bodas de Prata e oferece uma programação recheada de atrações para todas as idades e públicos

Os fãs da sétima arte, convidados, turistas e moradores de Tiradentes e região poderão conferir, em nove dias de programação gratuita e diversificada, mais de 100 filmes brasileiros em pré-estreias nacionais e mundiais, debates, seminário, rodas de conversa, oficinas, lançamento de livro, mostrinha de cinema, teatro de rua e exposições.

INFRAESTRUTURA

A infraestrutura da 25ª edição da *Mostra de Cinema de Tiradentes* contará com quatro espaços de exibição. O Largo das Fôrras volta a receber o Cine-Praça, espaço de exibição de filmes ao ar livre, com capacidade para mais de mil espectadores. No Largo da Rodoviária, o Complexo de Tendas recebe um novo layout e a insta-



Foto: Leo Lara / Universo Produção



Foto: Universo Produção

lação do Cine-Tenda – sala de exibição com ar-condicionado, som digital e projeção de alta qualidade; e o Cine-Lounge, espaço onde serão realizadas rodas de conversa e bate-papos com realizadores, e circulação do público. No formato online, a programação deverá ser acessada no site mostratiradentes.com.br.

Toda a programação é oferecida gratuitamente ao público.

TEMÁTICA: CINEMA EM TRANSIÇÃO

Segundo depoimento do curador Francis Vogner dos Reis, no site da mostra, “é fato que a atividade cinematográfica – entre recuos e novos arranjos – passa por mudanças intensas”. E ele destaca que “nos últimos anos em virtude do contexto político e das mudanças de paradigma da indústria e do mercado, os produtos de televisão e de plataformas de streaming ganharam uma centralidade inédita. Por outro lado, a produção independente que contou com poucos recursos do Estado ou que se fez sem auxílio de editais, pode indicar um outro modo de criar, trabalhar e fazer circular obras

audiovisuais”. Para o curador, “o cinema atravessa uma transição complexa em três dimensões: econômica, técnica e estética. É na relação mutável dessa trinca que a atividade profissional e a própria cultura tradicional do cinema se reconfiguram, desenhando um novo cenário para os próximos anos. A temática ‘Cinema em transição’ investiga o que se afigura no presente de futuros possíveis no cinema brasileiro”.

HOMENAGEM



Foto: Leo Lara / Universo Produção

O homenageado da 25ª Mostra de Cinema de Tiradentes é o cineasta Adirley Queirós que possui uma obra que reúne características emblemáticas do cinema da última década: o cortejo da matéria documental pela ficção, a imaginação como elemento primordial de uma perspectiva histórica, a paisagem e a etnografia de territórios periféricos, a invenção de métodos de trabalho e de dramaturgia distintos da produção mais tradicional.

Para o curador, Adirley Queirós e a Ceicine (Coletivo de Cinema da Ceilândia) tomam parte historicamente em um panorama de obras e cineastas brasileiros contemporâneos que nos últimos 16 anos se fizeram entre a independência radical dos coletivos e o estímulo das políticas públicas para o audiovisual em nível federal e estadual.

De *Rap, o Canto da Ceilândia* (2005), passando por *Dias de Greve* (2009), *Fora de Campo* (2010), *A Cidade é Uma Só* (2012) e chegando à *Branco Sai, Preto Fica* (2014) e *Era Uma Vez Brasília* (2017), é possível traçar uma trajetória que reflete um processo político que parte de um passado de violência traumática que determina o presente e influencia os rumos do futuro. Não é a violência positivista, o mito fundador da nação, mas uma violência determinada pelo negativo: “*aqui não verá país nenhum*”. Por outro lado, é desse território que reconhece personagens, músicas e narrativas fascinantes. Bem demarcado, o espaço de criação é a Ceilândia, território de vivência e construção

do que Adirley chama de etnografia da ficção, um princípio prático e estético que situa não somente o corpo do cineasta, mas o corpo de uma equipe inteira, uma imersão de onde emerge a ficção. A afirmação desse lugar é também a formulação de uma contradição explicitada sem maniqueísmos desse espaço denominado Brasília, capital do país, sede do poder, futuro projetado de uma nação que se funda e permanece situada num regime de violência.

O homenageado Adirley Queirós é um dos cineastas que marcaram a história recente da Mostra de Cinema de Tiradentes. O cinema brasileiro que traz em sua obra exibe características que ajudam a elaborar o que foi o cinema da última década e nos dá elementos para pensar o futuro.

Mais informações e programação completa em mostratiradentes.com.br



Still de *Branco Sai, Preto Fica*

39^a edição do SALÃO ARTE PARÁ
utiliza a tecnologia do vídeo
em artes visuais e presta homenagem
especial ao multiartista Vicente Cecim



Com um total de 62 vídeos, Arte Pará exhibe trabalhos de artistas nascidos no Pará e em outros estados, que imaginaram a Amazônia por meio das lentes. Totalmente virtual, a mostra traz um recorte importante dessa forma de expressão artística e apresenta uma história da videoarte na Amazônia. Concebida por Paulo Herkenhoff, com curadoria adjunta de Roberta Maiorana, fica em cartaz até 28 de fevereiro



Still do vídeo Bença de Nayara Jinknss

O passeio que o Arte Pará propõe pela videoarte também é uma viagem através do tempo. A curadoria apresenta produções que vão desde *“Inútil Paisagem”*, de Mariano Klautau; e *“Hoximu”*, de Klinger Carvalho, ambas de 1994; até obras da década atual, como *“Bença”*, de Nayara Jinknss; e *“De Uma Belém a Outra”*, de Mauricio Igor, ambas de 2020; *“Voo Cego”*, de Alexandre Siqueira; e *“Res_Publicae”*, de Flavya Mustran, ambas de 2021. Trabalhos do Grupo Empreza e de Maria Chistina, *“Subindo a Serra”*, também se destacam no conjunto das obras selecionadas.

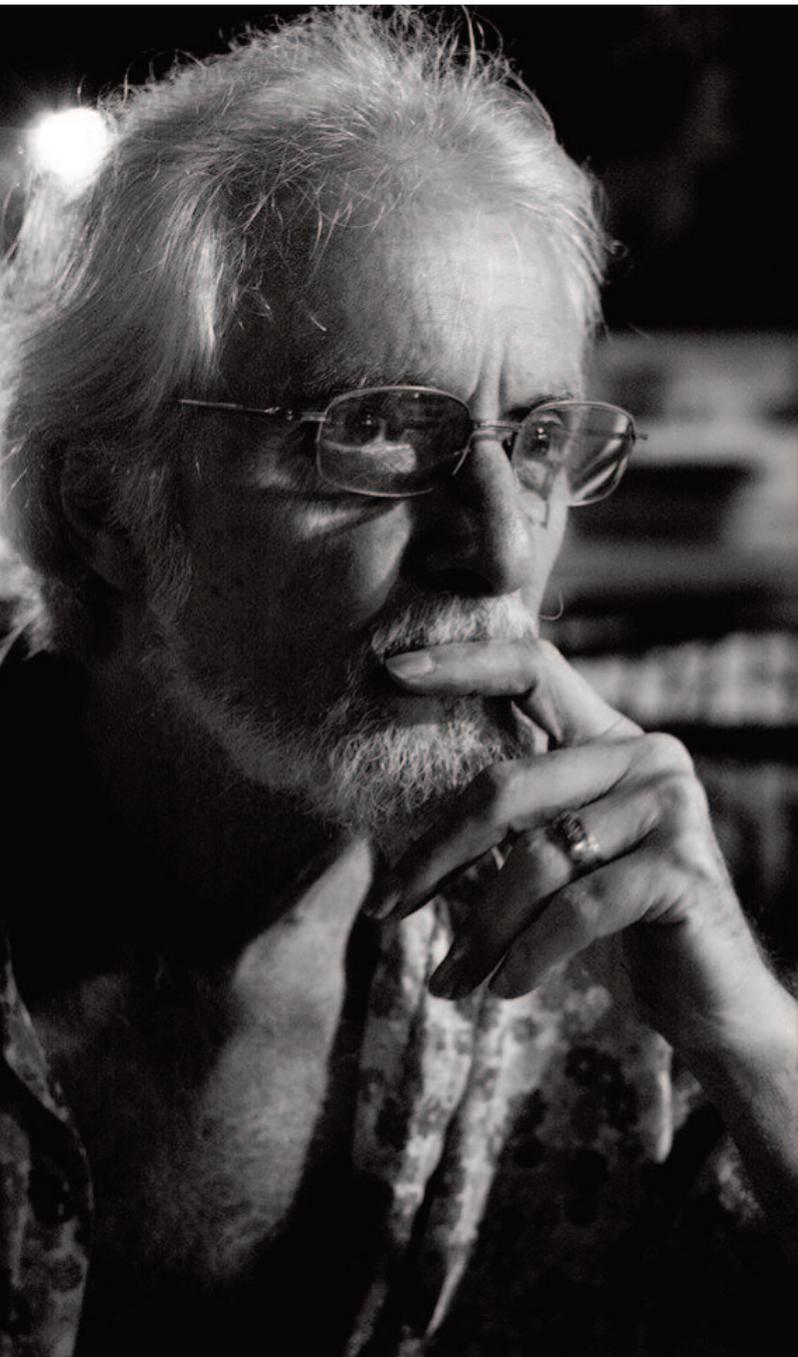
Vicente Cecim está presente na mostra com três vídeos do ciclo *“KinemAndara”*, realizados pelo artista em



Still do vídeo De Uma Belém a Outra de Mauricio Igor

super-8 nos anos 70, antes de iniciar sua obra literária: *“Permanência”* (1976), *“Rumores”* (1979) e *“Sombras”* (1977). Documentários de Bruno Cecim, *“Vicente Franz Cecim e a KinemAndara”* (2021), e *“Cecim da Amazoônia”* (2021), produzidos em homenagem ao pai, falecido em junho de 2020 vítima da Covid-19, também compõem o Salão.

“Há um curta criado e apresentado por mim, no qual conto um pouco do pai escritor e também do cineasta. Minha fala é mais voltada para produção cinematográfica dele, uma obra criada nos anos 1970 que ele recuperou nos anos 1990 com a tecnologia digital. Ele foi um dos pioneiros aqui em Belém a fazer esse tipo de



Vicente Cecim

Foto: Divulgação

cinema, experimental e poético, como tudo que ele criou”, diz Bruno.

Emocionado, o filho de Vicente Cecim conta que produziu um vídeo homenagem logo após a morte do pai. *“Para mim, esse é o trabalho que considero mais importante no momento; nele registro depoimentos de amigos, artistas e críticos falando sobre meu pai e sua obra, ilustrado com imagens entrelaçadas com fotos e publicações antigas dele e sobre ele. Esse filme contém ainda uma fala dele mesmo sobre Andara, o universo que ele criou e viveu. Quando criou a saga fantástica Viagem a Andara, que é uma transfiguração da floresta sagrada da Amazônia, literatura fantasma segundo ele, queria questionar a vida que vivemos na terra, queria fazer com que os seres humanos que aqui habitam despertem para um novo mundo. O mundo de sonhos, imaginal, o mundo invisível. O mundo de Andara e o livro invisível. Meu pai era meu guru”.*

O curador Paulo Herkenhoff afirma que é fundamental homenagear Vicente Cecim. *“Em seus experimentos imagéticos, Cecim operou com o sentimento do vazio do mundo que está na psicanálise de Lacan, na literatura de Clarice Lispector e na obra de Lygia Clark e Mira Schendel; com as questões heideggerianas sobre o ser e o tempo e com os limites do dizível no limiar da metafísica,*



Publicações de Vicente Cecim

Foto: Bruno Cecim

como discutiu Wittgenstein. O visível pede uma voz. Em Vicente Cecim é o cinema que lhe pede a literatura, não o oposto. Antes de refletir criticamente sobre a Amazônia através do discurso literário, ele precisou pensar o sujeito amazônico na metrópole. Por tudo isso, em conclusão, há que se pensar a obra de Vicente Cecim como da ordem do cinema do inapelável na existência humana”, escreve o curador.

Herkenhoff também elogia a produção de Bruno Cecim selecionada para o Arte Pará 2021. “O título composto (Vicente Franz Cecim e a KinamAndara) anuncia sua criatividade, pois Kinem alude a cinema em alemão, enquanto mundo ficcional de ‘Viagem a Andara oO mundo invisível’, é o título de uma aclamada peça literária ficcional de seu pai. Ativista em festivais de cinema e vídeo, Bruno Cecim demonstrou que a biografia deve ser sua própria poesia”, afirma.

VICENTE CECIM

Antes de iniciar sua obra literária, Cecim realizou em super-8 – nos anos 70 – o ciclo de filmes *kinemAndara*, agora exibidos em versão digital no *Salão Arte Pará*. E suas reflexões sobre o cinema evocam a permanente tensão de sua escrita entre o visível e o invisível. Voltou a filmar quase trinta anos depois, em 2007, para fazer com seu filho Bruno Cecim (fotógrafo e cineasta) o filme *Marráa Yaí Makúma* — *Aquele que dorme sem sono*, disponível no You Tube e no Vimeo, entre outros vídeos. Suas produções mais recentes são *A Lua é o Sol*, *Fonte dos que dormem* e *K+afka*.

O emprego da Imagem é também uma característica da sua obra literária. Sob a forma de ícones, antes silenciosos e imóveis: Iconocanto, mesclando som e movimento virtuais publica o poema *Não é a água*

(O) que se bebe. E o último trabalho audiovisual *A Cicatriz Perfeita* em 2021.

Descendente de brasileiros amazônicos e de libaneses e sardos emigrantes, Vicente Cecim nasceu e viveu na Amazônia. Quando seu filho Franz – em memória de Kafka – foi assassinado, jovem, abrigou no seu o nome do filho e passou a escrever seus livros visíveis de Andara como Vicente Franz Cecim. Mas a concepção de *Viagem a Andara oO livro invisível*, livro não escrito, puramente Imaginal, se atribui, miticamente, a Cecim da AmazoOnia, em gesto de doação de toda a sua obra àquela que chama de a Floresta Sagrada.

BRUNO CECIM

Fotógrafo, videomaker e documentarista. Iniciou sua carreira como repórter fotográfico na agência de notícia *Futura Press*, em São Paulo, através da qual teve fotos publicadas na *Folha de São Paulo*, *Correio Braziliense*, *Diário do Nordeste*, *Estadão*, *Agora São Paulo* e nas revistas *Isto É* e *Época*. Trabalhou como repórter fotográfico e recebeu por quatro anos, o Prêmio de Direitos Humanos, pela Associação Sorocaba de Imprensa. Como cinegrafista e repórter cinematográfico trabalhou para TVs e produtoras.

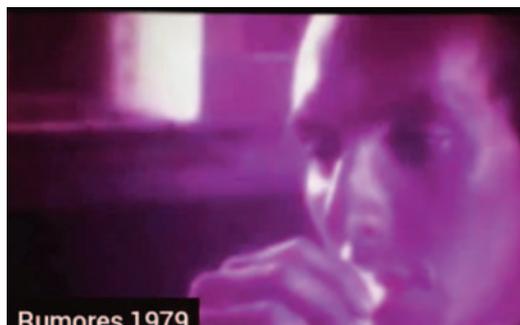
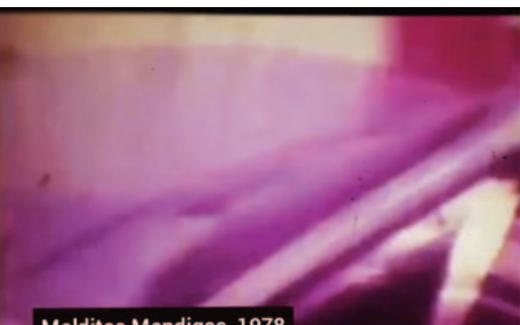
Alguns dos seus curtas-metragens foram selecionados para festivais de cinema como *Mostra Audiovisual Paulista e Cinefest*, *Mostra Sesc de Cinema* (Belém) e *Mostra AudioVisual da Amazônia*. Exemplos de seus

trabalhos mais autorais foram expostos e fazem parte do acervo fotográfico da Galeria Virgílio, São Paulo- SP.



Bruno Cecim

Foto: Divulgação



Stills do vídeo *Vicente Franz Cecim e a KinemAndara* de Bruno Cecim

VIAJANDO PELO AMAZONAS

O Arte Pará apresenta obras de 45 artistas convidados, entre nascidos na Amazônia e também de outras regiões, mas com propostas que conversam no sentido de imaginar a Amazônia. No site da mostra, além dos 62 vídeos, o público tem acesso a mais uma série de informações, como biografias de cada artista, críticas de especialistas e materiais de informação e pesquisa.

<https://artepara2021.com/>

Em seu texto curatorial, Paulo Herkenhoff lembra que em 2020, por conta da pandemia do coronavírus, o Arte

Pará foi cancelado pela primeira vez desde sua criação, em 1982. Este ano, ele justifica a retomada tomando como exemplo outros grandes salões de arte contemporânea que também optaram por manter seus espaços abertos para as artes, para em ambiente virtual, como a Bienal de São Paulo e a Feira de Arte de São Paulo.

A curadora adjunta, Roberta Maiorana, também presidente da Fundação Romulo Maiorana, ressalta que o salão apresenta um desafio diferente a cada ano, isto porque as transformações da arte brasileira também são muito dinâmicas.

“Desde o primeiro Arte Pará, o sistema de arte em Belém se transformou com saltos produtivos na relação das universidades com a arte, na relação entre arte e educação, e de novas instituições artísticas. Por isso, o Arte Pará é sempre tão estimulante por seus caminhos imprevisíveis ao lado dos artistas e da sociedade”, diz Roberta em seu texto curatorial.

Entre tantos destaques do Arte Pará constam trabalhos do Grupo EmpreZa e Maria Christina.

GRUPO EMPREZA

Fundado em 2001, inicialmente como grupo de estudo e pesquisa em performance arte, o Grupo EmpreZa (GE) possui hoje um vasto repertório de ações performáticas, happenings e produções audiovisuais e fotográficas.



Still do vídeo da performance *Maleducação* do Grupo EmpreZa

Movidos por intensa curiosidade em relação aos modos de produção de linguagem e de sensibilidade do corpo, o Grupo EmpreZa parte de seu corpo-coletivo – a conjugação dos muitos artistas que formaram e contribuíram para a história do grupo – para pensar a performance, a arte e os lugares simbólicos em amplas dimensões. Na mostra estão dois trabalhos do GE: *Maleducação*, 2004/2017 – onde os artistas lutam para se alimenar ao redor da mesa usando abridores de boca e tendo as mãos amarradas nas mãos de outros artistas – e *Fauna Amazônica*, 2012 – uma das obras que reúne um repertório absolutamente não trivial de corpos.

MARIA CHISTINA

A artista, que nasceu em Serra do Navio (AP – 1959), vive e trabalha em Belém. Na mostra, exhibe performance orientada para vídeo, *Subindo a Serra*, realizada em 2010, que faz parte do acervo da Coleção Amazônica de Arte da UFPA.

A inadequação parece ser uma experiência recorrente de Maria Christina. E pode ser decisiva quando se estabelece no lugar da origem. Assim ocorreu em diversos projetos utópicos para a Amazônia, como em *Serra do Navio*, no Amapá, onde realiza uma viagem à cidade, quase fantasma, tentando elaborar questões de pertencimento. Em

Subindo a Serra (2010), Maria Christina refaz o caminho atávico, em vídeo, e pega o trem, volta em busca da origem, do lugar do conforto, cidade-útero que começa a se dismantelar no meio do mato que insiste em ocupar espaço, e vê que a cidade perfeita aos olhos da menina detinha estruturas mais rígidas do que imaginara.



Stills do vídeo *Subindo a serra* de Maria Christina

CURADORIA EDUCATIVA

O *Projeto Educativo do Arte Pará* tem curadoria de Vania Leal desde 2007. Nessa edição, a primeira to-

talmente virtual, vem sendo desenvolvido com ações híbridas, presenciais e não presenciais. Um dos destaques tem sido a produção dos alunos do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, que foram instigados a produzir textos críticos a partir dos trabalhos que compõem a mostra, e o resultado vem sendo publicado no site artecriticapara.wordpress.com.

Vania Leal participa das avaliações e ressalta que “*em Belém há uma necessidade muito grande de se desenvolver a crítica em arte, e essa possibilidade soma-se à grandeza do Arte Pará*”.

Vania afirma “*que os termos Educação e Amazônia devem ser compreendidos como um conceito plural, capaz de tomar partes por um todo, por seu caráter mais didático com a ata curatorial proposta por Paulo Herkenhoff e Roberta Maiorano, numa perspectiva de trabalhos educativos desafiadores que através da cibercultura chegarão a espaços antes nunca navegados. E a parceria com o Sistema Educacional Interativo da Secretaria de Educação do Estado do Pará vai reverberar a Arte educação do núcleo educativo, Paisagem Humanizada na Amazônia*”.

Graduada em Artes Plásticas, especialista em História da Arte e Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura, Vania Leal será a curadora da 1ª Bienal das Amazônias, que será realizada de março a dezembro.



ILHA DE PÁSCOA

Os segredos de Rapa Nui

Texto e fotos: Antonella Kann

www.antonellakann.com

antonellak1954@gmail.com

Uma cabeça de alfinete no meio do oceano Pacífico, a ilha de Páscoa, ou Rapa Nui na língua polinésia, é uma das ilhas mais isoladas do mundo, desgarrada 3.700 quilômetros da costa central do Chile. Mas ganhou fama internacional graças às suas enigmáticas estátuas de pedra, chamadas de moais. Além destas esculturas gigantes, que foram talhadas à mão na rocha vulcânica há mais de 600 anos atrás e se encontram espalhadas por toda a superfície da ilha – que é de apenas 170 km² – há toda uma cultura local com a qual se familiarizar e um leque de magníficos cenários que só podem ser desvendados a pé.

Longe (no sentido literal da palavra) de se tornar um destino cobiçado pelo turismo de massa, este misterioso santuário cativa àqueles viajantes cujo prazer consiste em explorar um lugar onde a beleza natural é tão preservada quanto o mistério que envolve as suas lendas milenares. Rapa Nui, que ainda esconde sob o solo muitos segredos do seu passado nebuloso, pertence hoje ao Patrimônio da Humanidade. Verdadeiro museu ao ar livre, nesse oásis ecológico (e principalmente arqueológico), convivem 7 mil cães, 6 mil cavalos semisselvagens e uma população de 4 mil, em harmonia com mais de mil moais.

Além da magia natural da ilha, que costuma deixar as pessoas em transe, um fenômeno da natureza promete uma rara emoção para o próximo mês de julho: o eclipse total do sol, que poderá ser admirado plenamente por quem tiver a oportunidade de se programar para estar em Rapa Nui nessa época.



A CHEGADA

Sempre procuro sentar na janela quando vôo para um destino longínquo. Minutos antes de pousar no minúsculo aeroporto de Mataverí, já fui seduzida pela intensidade das tonalidades de azul que riscam este mar. Logo vislumbrava falésias, a cratera do Rano Kau e alguns telhados vermelhos de Hanga Roa, o único vi-

larejo. Ao descer do avião, me senti na Polinésia, com aquele monte de turistas sendo recebido pelos donos de pequenas pousadas com lindos colares de flores naturais. O saguão parecia uma torre de Babel. O pessoal do *Explora* também nos saúda com um *iorana* (olá ou adeus, no idioma Rapa Nui) e, é claro, com um lindo arranjo para cada um de nós pendurar no pescoço!

Visto o tamanho da ilha, nenhum percurso demora uma eternidade, e em 15 minutos chegamos no hotel. O *Explora*, inaugurado há pouco mais de ano, é o único que oferece conforto e serviço à altura de viajantes mais exigentes. Mas, além do luxo, se estrutura no conceito de

“*turismo de descoberta*”, ou seja, organiza *exploraciones* (excursões) diárias, com guias nativos, políglotas e experientes, para que você possa conhecer a ilha de várias maneiras – a pé, de bicicleta e mergulhando.

DOMINGO À TARDE

A gente tinha chegado a tempo de almoçar, fazer uma curta *siesta* e participar da *exploracione* da tarde, que parte sempre em torno das 16h. Um pequeno grupo saiu acompanhado da guia Tuhi rumo ao Ahu Akivi, um monumento com 7 moais, o único cujos rostos estão virados de frente para o mar. Presumem que a construção deste ahu (altar ou plataforma) data de 1442 e



foi erguido em homenagem aos descobridores da ilha, mas, como tudo em Rapa Nui, embora a ciência tente elucidar os enigmas, o que prevalecem são as mais bizarras teorias. Cada moai, cujo molde segue alguns padrões, mede cerca de 4 metros e pesa aproximadamente 12 toneladas. Como é que os polinésios, que dispunham apenas de ferramentas primitivas, conseguiam transportar essas estátuas de um lado para outro, espalhando mais de mil pela ilha inteira, continua sendo um dos mistérios de Rapa Nui. Através das explicações de Tuhi, tomamos conhecimento de um pouco da história, das lendas e rituais deste povo.

De lá, prosseguimos a pé através de um terreno extremamente pedregoso, contornando a borda de falésias que despencam abruptamente no mar. A cada instante, nos esbarramos num sítio arqueológico, vestígios de habitações ancestrais e até a suposta residência de um rei. Interessante mesmo são as cavernas, onde se refugiavam os Rapanuis quando se sentiam ameaçados por invasores. Em algumas, para conseguir penetrar na cavidade esculpida pela lava, é necessário se agachar, engatinhar com uma lanterna na mão por um longo túnel, e ficar enclausurado entre estreitas paredes de rocha. Não recomendo para quem tem claustrofobia.

SEGUNDA DE MANHÃ

Devido ao fuso horário, acordei lá pelas 5h. As primeiras luzes do dia penetram no quarto através do janelão, desvendando aos poucos uma paisagem





Ahu Tongaraki, onde estão erguidos 15 imponentes moais, grande orgulho da cultura Rapa Nui e maior centro de cerimônia de toda a ilha.

Foto: Ian Sewell / Wikipédia

bucólica: o Pacífico na linha do horizonte, emoldurado por campos verdes e uma manada de éguas com suas crias, pastando tranquilamente. Ah, esses cavalos! São tantos a viverem soltos, a se reproduzirem sem controle, que já se tornaram uma dor de cabeça para os ilhéus, pois provocam erosão por todos os cantos, afetando principalmente os sítios arqueológicos. Pior do que os equinos são os milhares de cães, mestiços de tudo quanto é raça, que vagam sem dono e rumo onde quer que se vá. Ou seja, tem mais bicho do que gente em Rapa Nui.

No passeio matutino, desta vez com a guia Nune e um casal de belgas, caminhamos duas horas por uma trilha rasgada na planície, até chegar a Rano Raraku, o vulcão cuja cratera é conhecida como o “berço dos moais”. É das suas entranhas que foram talhadas grande parte destas estátuas gigantes, que impressionam pelo delineamento preciso do nariz afilado, narinas, olhos, orelhas e boca. Devido às suas dimensões e peso, a maioria dos moais ficou encravada e acabou soterrada pela erosão ao longo dos séculos, enquanto dezenas jazem inclinados ou caídos ao redor da encosta. No

meio da cratera, existe uma linda lagoa onde os mais intrépidos podem nadar.

SEGUNDA À TARDE

Fazia um tempo maravilhoso, 26 graus e um sol de rachar, e bateu uma vontade irresistível de ir à praia para nadar nestas águas cor de turquesa. Aliás, se por um lado a ilha da Páscoa tem moais de sobra, carece de praias de areia. Independentemente, alugamos uma scooter e zarpamos rumo ao norte pela única estrada asfaltada. Em vinte minutos chegamos na encantadora Anakena, rodeada por palmeiras e águas tépidas. Em forma de ferradura, essa praia de areia branca e fina é abrigada de ondas fortes. Também não faltam sombras para fugir do calor, ou se divertir – como fazem os locais – com piqueniques e churrascos ao ar livre. Fora isso,

há cães errantes, muitos cavalos e, você adivinhou, alguns moais erguidos sobre um ahu, o Ahu Nau Nau. Segundo a lenda, foi neste local que os primeiros polinésios aportaram, ou seja, o rei Hotu Matu'a e seu povo. Ninguém sabe como, devido à distância do pedaço de terra mais próximo. E cientistas especulam como suas rudimentares embarcações resistiram às intempéries do Pacífico.

Às sete da noite, ainda com sol a pino, retomamos o caminho de volta pela estrada secundária, de terra batida, rente ao mar. A paisagem é deslumbrante. Desfilam diante dos olhos vários ahus desnudos e enseadas onde os rochedos degradingolaram em cascata dentro d'água. Passamos entre manadas, alguns bois e... zero ser humano. Chegamos na hora do pôr do sol no Ahu



Tongaraki, onde estão erguidos 15 imponentes moais, grande orgulho da cultura Rapa Nui e maior centro de cerimônia de toda a ilha.

TERÇA DE MANHÃ

Logo depois de um farto café da manhã, regado a um inigualável suco natural de *frutillas*, saímos a dois sob os auspícios de Nicolas, um guia de pura origem Rapanui, descendente direto dos primeiros polinésios. Alto, bonito e orgulhoso de sua raça e ancestrais, não disfarça o que teme pelo futuro da ilha. “*O progresso pode estragar tudo*”, prevê o jovem, enumerando os

diversos projetos de infraestrutura turísticos que as autoridades pretendem implantar, como a construção de um novo porto. Durante a caminhada de duas horas morro acima, que começa na ponta leste próxima ao Ahu Mahatua, tomamos conhecimento de diversas estratégias de sobrevivência dos povos antigos. Por exemplo, de como um pedacinho de pedra vulcânica pode servir para confeccionar uma ferramenta ou como escavavam na rocha um recipiente para conter a água da chuva. Interessante.

Quanto mais a gente sobe, mais se amplia o panorama sobre o mar, as planícies ao redor e os contornos da ilha. No final, chegamos à beira do vulcão Pua Katiki, cuja cratera foi inteiramente florestada por uma das tribos que viveram nela, fugindo de inimigos. Do topo, a 370 metros acima do nível do mar e um dos pontos mais altos da ilha, o mirante é de 360 graus. A expedição dessa manhã, bem puxada, acaba com um merecido banho de mar na praia de Ovahe, de areia rosa, aninhada debaixo de um penhasco e cercada de rochedos. As ondas são fracas, o lugar protegido do vento e a água está quentinha. Hummm...Deu até para nadar.



Cratera do vulcão Rano Kau

Foto: Bjørn Christian Tørrissen/ Wikipédia

TERÇA À TARDE

Foi difícil resistir à tentação de ficar na piscina lendo um bom livro, deitada na espreguiçadeira, sorvendo mais alguns sucos de *frutillas*. Mas, sendo a última tarde, julguei impróprio perder o passeio até o sitio mais assediado de Rapa Nui, no extremo sul: o vulcão Rano Kau, cuja imponente cratera contém várias lagoas que formam um belo mosaico. De lá, a 250 metros, podem ser vistas as duas minúsculas ilhotas que se destacam da ilha: Motu Nui e o Iti.

Há alguns séculos, os bravos guerreiros criaram uma competição conhecida como a do “homem-pássaro”. A ideia era eleger um rei diferente a cada ano através de uma prova atlética, ou seja, que exigia do representante de cada tribo uma incrível resistência física além de estratégia, pois o vencedor era quem trouxesse intacto o ovo de uma ave que fazia ninho no Motu Nui. Imbuída do espírito competitivo, optei pela descida a pé, atrás do guia, por uma trilha que desliza suavemente pela encosta do vulcão, atravessa um bosque e desemboca no único vilarejo da ilha, Hanga Roa. A expedição continua com uma parada para admirar os moais erguidos no Ahu Tahai e Pea, à beira-mar. O povoado, onde moram quase todos os 4 mil habitantes, tem escola, um porto pequeno, alguns bares e restaurantes, um pequeno comércio, mercadinho, correio, pousadas simples, e umas lojinhas com lembranças tipicamente turísticas. Na cidade também se alugam bicicletas, quadriciclos, scooters e motos. Ao passar pelo cemitério, faço questão de tirar uma foto, pois impressiona a quanti-

dade de flores naturais espalhadas nos túmulos. Foi por causa do Dia dos Finados, explica o guia: “Aqui, 98% da população são católicos praticantes”.

COMO CHEGAR

Não há voos diretos do Brasil para a ilha. A Lan Chile (www.lan.com) parte do Rio de Janeiro e São Paulo para Santiago, de onde há conexões diárias para a Ilha de Páscoa. O voo interno dura cerca de 5 horas.

ONDE FICAR

Apenas um hotel de luxo, o *Explora Rapa Nui*, oferece um serviço 5 estrelas dentro do conceito ecologicamente correto e *all-inclusive*, inserindo também as inúmeras *exploraciones* (passeios organizados com guias experientes e políglotas) através da ilha. www.explora.com e reserve@explora.com tel. 00562- 228-4655 São apenas 30 acomodações, todas com vista deslumbrante para o mar.

MELHOR ÉPOCA

O ano inteiro, pois as temperaturas se mantêm sempre em torno de 21 graus, com mínima de 17, entre junho e agosto, e máximas de 30 no verão. No entanto, há quem prefira ir no início de fevereiro, quando são realizadas inúmeras festividades na ilha, entre elas a *Tapati Rapa Nui* – festival mais importante da ilha, durante o qual o povo é dividido em dois clãs para representar as antigas castas e competir durante dias e noites em desportos ancestrais expressando as suas capacidades físicas e artísticas em rituais tradicionais.

Zipper Galeria (SP) abre calendário de 2022 a partir do dia 15, com duas exposições: 13º SALÃO DOS ARTISTAS SEM GALERIA e CORPOS MÚLTIPLOS NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM, de Evandro Angerami



13º SALÃO DOS ARTISTAS SEM GALERIA

A 13ª edição do Salão dos Artistas Sem Galeria, promovido pelo portal Mapa das Artes, realiza, a partir do dia 13, na Lona Galeria de Arte, e do dia 15, na Zipper Galeria, ambas em São Paulo, as duas exposições simultâneas com obras dos 10 artistas selecionados para essa edição do evento. As mostras ficam em cartaz até 19 de fevereiro.

Participaram do júri André Niemeyer, Julie Dumont, Paulo Gallina e Washington Neves selecionou os artistas Bruno Gularte Barreto (RS), Cláudia Lyrio (RJ), Cynthia Loeb (SP), Diogo Santos (RJ), Igor Nunes (RJ), Kika Diniz (RJ), Liz Lopes (RJ), Luiza Kons (PR), Paulo Jorge Gonçalves (RJ) e Ronaldo Marques (SP).

O Salão dos Artistas Sem Galeria tem como objetivo avaliar, exibir, documentar e divulgar a produção de artistas plásticos que não tenham contratos verbais ou formais (representação) com qualquer galeria de arte na cidade de São Paulo. O Salão tradicionalmente abre o calendário de artes em São Paulo e é uma porta de entrada para os artistas selecionados no circuito das artes.

SOBRE O MAPA DAS ARTES

Criado em 2004 pelo jornalista Celso Fioravante, o Mapa das Artes (www.mapadasartes.com.br) é o portal de artes visuais mais completo do Brasil, com programação e serviço de museus de todos os estados do país. O site dispõe de seções diversas, como a dedicada aos salões de arte, com datas e editais; a seção Curtas, com



Da esquerda para a direita: Diogo Santos, *Será que cabe a alguém duvidar da dura arquitetura do tempo?*; Igor Nunes, *Régua máxima*; Ronaldo Marques, *Listras*

Fotos: Divulgação

Na página anterior, da esquerda para a direita: exposição "13º Salão de Artistas sem Galeria", Kika Diniz, *Marcia, ajuda aí*; exposição "Corpos múltiplos na construção da paisagem", Evandro Angerami, *Auto-retrato*

Fotos: Divulgação

matérias e serviço sobre acontecimentos, eventos e assuntos de interesse do público de artes visuais; além das colunas Supernova, com notas quentes; e seções dedicadas a eventos, mercado de arte, prêmios, personalidades, política cultural, arquitetura, web, patrimônio, polêmicas, críticas e notícias diversas de artes plásticas editadas nos principais veículos jornalísticos do mundo. Sua cobertura abrangente faz do Mapa das Artes uma peça fundamental para o desenvolvimento do circuito brasileiro de arte.

SERVIÇO

13º SALÃO DOS ARTISTAS SEM GALERIA

15/01 a 19/02/2022

Zipper Galeria

www.zippergaleria.com.br

zipper@zippergaleria.com.br

R. Estados Unidos 1494, Jardim América / SP

Tel.: (11) 4306-4306

Segunda a sexta, 10h/19h; sábado, 11h/17h



Luiza Kons, *Você não retornará a esta casa*

CORPOS MÚLTIPLOS NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

A individual do artista Evandro Angerami, inserido no programa Zip'Up, reúne um conjunto de trabalhos que reforça a subjetividade do artista na abordagem da paisagem. Em fotografias, objetos e pinturas, ele revela uma realidade continuamente construída, dentro e fora do campo artístico. Por si, a paisagem é produzida ao longo do tempo pela relação entre dinâmicas naturais e sociais. Mas Evandro Angerami adiciona uma camada a mais neste universo material e simbólico: o artista insere elementos que ora se misturam à paisagem, ora rompem sua continuidade; ele procede operações particulares, ligadas às práticas contemporâneas, para criar sua poética construtiva.

“A paisagem aqui é abordada como múltiplos corpos – e vice-versa – que, como receptáculos sensoriais, se constroem nos contrapontos das imagens, neste imperativo contemporâneo de vê-las e preservá-las da densidade irredutível da matéria e do enigma dos questionamentos do artista contemporâneo”, escreve Andrés Hernández, que assina a curadoria da exposição.

O PROGRAMA ZIP'UP

Idealizado em 2011, um ano após a criação da Zipper Galeria, o programa Zip'Up é um projeto experimental voltado para receber novos artistas, nomes emergentes não representados por galerias paulistanas. O objetivo é manter a abertura a variadas investigações e abordagens, além de possibilitar a troca de experiência entre



Evandro Angerami, *Instalação Auto-retrato*

Foto: Divulgação

artistas, curadores independentes e o público, dando visibilidade a talentos em iminência ou amadurecimento. Em um processo permanente, a Zipper recebe, seleciona, orienta e sedia projetos expositivos, que ao longo dos últimos anos somam mais de cinquenta exposições e cerca de 70 artistas e 30 curadores que ocuparam a sala superior da galeria.

SOBRE O ARTISTA

Evandro Angerami (São Paulo, 1979) é mestre em *Fine Arts* pela New York University, artista visual e arte educador. Entende arte e educação como agentes de transformação em um mesmo processo contínuo dentro da sociedade. O artista tem como eixo poético conceitos como ancestralidade, identidade, natureza primordial e ecologia. Seu trabalho é dividido entre o ateliê e as atividades ao ar livre, muitas vezes com as comunidades locais e indígenas brasileiras.

SOBRE O CURADOR

Andrés I. M. Hernández nasceu em Cuba e desde 1998 mora e trabalha em São Paulo. É curador, pesquisador, professor e crítico de arte, tendo atuado também como artista visual em projetos individuais e parcerias com

Tania Bruguera e Laura Lima, por exemplo. Doutor e Mestre em Teoria, Crítica e Produção em Artes Visuais é autor da trilogia de OBRAS COMENTADAS – MAMSP, MUnA-UFU e Avanti Campinas. Trabalhou na área de curadoria e exposições na Bienal de Havana (Centro de Arte Contemporâneo Wifredo Lam), Museu de Arte Moderna de São Paulo e Luciana Brito Galeria. Curador independente desde 2013 e curador chefe do SUBSOLO Laboratório de Arte. Os desafios na inserção da pesquisa artística ampliada dos agentes artísticos contemporâneas e os tensionamentos conceituais e espaciais recorrentes constituem o epicentro de seus projetos.

SERVIÇO

Zip'Up: CORPOS MÚLTIPLOS
NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM
15/01 a 19/02/2022

Zipper Galeria

www.zippergaleria.com.br

zipper@zippergaleria.com.br

R. Estados Unidos 1494, Jardim América / SP
Tel.: (11) 4306-4306

Segunda a sexta, 10h/19h; sábado, 11h/17h

MAM RJ ABRE JANEIRO COM PROGRAMAÇÃO DE VERÃO GRATUITA PARA TODAS AS IDADES



CONVERSAS E DEBATES

JUNTA LOCAL

Sábados – 15, 22 e 29, das 10h às 17h

As feiras da Junta Local são ponto de encontro de uma comunidade que se mobiliza em torno da comida. Ao longo de três sábados, o evento acontece nos jardins do MAM Rio.

3 ÁRVORES MOVENTES – TRANSFIGURAÇÕES E OS DRIBLES À ORDEM BINÁRIA

com Jialu Pombo e Jonas Van

Sábado, 29, 15h

A atividade propõe uma conversa-exercício em torno de relações plurais e complexas com as plantas. Nesse encontro, acontecem reflexões sobre ancestralidade, hibridismo dos seres e diálogos entre a terra e múltiplos corpos.

Jialu Pombo é doutorando em psicologia clínica pela PUC-SP (com graduação e mestrado em artes visuais pela UFRJ), e pesquisa processos clínicos e criação de linguagens como caminhos para descolonizar a vida do binarismo que estrutura o ocidente. Como alguém neurodivergente e dissidente de gênero, participa e realiza atividades que cruzam essas temáticas e a arte.

Jonas Van é artista transnordestino e cozinheiro. A sua prática se inscreve entre a desobediência de gênero, linguagem e naturezas monstruosas utilizando som-vídeo, instalações efêmeras e texto. Seu trabalho

propõe narrativas ficcionais profundamente íntimas, fraturas linguísticas e temporais numa perspectiva anticolonial. A atividade faz parte da exposição *Composições para tempos insurgentes*, em cartaz até 15 de maio, e conta com o patrocínio do BTG Pactual.



Exposição *Composições para tempos insurgentes*, Caetano de Almeida, *Lusco-fusco* Foto: Fabio Souza

ESTUDOS VIVOS: MEIO AMBIENTE

com Antonio Amador e Renata Sampaio

Sábado, 22, 15h

Abrindo o programa *Estudos Vivos*, o MAM convida o público para debater e estudar as relações entre ecologia e políticas para o meio ambiente a partir das obras de Frans Krajcberg. Quais modos de vidas são possíveis de serem imaginados? Como modelos econômicos e o extrativismo moldam nossa experiência com a natureza? Essas são algumas perguntas que mobilizam o encontro.



Frans Krajcberg, *Sem título*,

Foto: Romulo Fialdini

OFICINAS

ZONA ABERTA: EXPERIÊNCIA BAILA COMIGO

Sábado, 8, das 10h às 12h

O primeiro *Zona Aberta* do ano é um convite para movimentar o corpo. O projeto *Experiência Baila Comigo* oferece uma oficina introdutória de dança que passa pelos ritmos do forró, samba de gafieira e salsa.

Vagas: 20 por ordem de chegada

Classificação indicativa: livre

O projeto é patrocinado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura e pela Afam Capital e Deloitte por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura – Lei do ISS.

FÉRIAS COM A FÁBULA

Sábados – 15, 22, 29 – 10h – 17h

OFICINA BATUCADA COM O MESTRE MANGUEIRINHA

Sábado, 15. Das 10h às 12h

O educador musical e músico percussionista Carlos Henrique da Silva Vicente, ou Mestre Mangueirinha, leva o bloco de carnaval para o jardim do MAM Rio. Crianças são convidadas para fazer uma batucada com garrafas pet, colheres de pau, copos plásticos e outros utensílios.

Vagas: 20 por ordem de chegada

Classificação indicativa: 5 a 10 anos

OFICINA LIBERA PAREDE

com Lucas Assumpção

Sábado, 22, das 10h às 12h

A oficina, comandada pelo artista e educador Lucas Assumpção (Bem-aventurado), propõe criar com as crianças paredes para poéticas livres. Serão recriadas paredes com materiais mistos e técnicas que mesclam artes caseiras, têxteis e garatujas com lambe-lambe e stencil.

Vagas: 20 por ordem de chegada

Classificação indicativa: 5 a 12 anos

OFICINA DE PASSINHO

com Thammy

Sábado, 29, das 10h às 12h

A oficina introdutória de passinho oferece uma experiência que mescla dança urbana, funk e improvisação. Comandada pela dançarina, vocalista e percussionista Thammy, a atividade incentiva as pessoas participantes a conhecerem um pouco mais da história e dos estilos do passinho.

Vagas: 20 por ordem de chegada

Classificação indicativa: 6 a 12 anos

CINEMATECA DO MAM

CINEMATECA EM RITMO DE AVENTURA

Para iniciar o ano de 2022 em alta velocidade e adrenalina, a Cinemateca do MAM promove uma pequena mostra de 12 filmes de seu acervo. *Cinemateca em ritmo de aventura* reúne produções nacionais e estrangeiras de diferentes épocas e para todos os públicos, onde a aventura e a emoção estão no cerne das obras.

ENCONTRO SÉRGIO SANTEIRO

Personagem incontornável do cinema independente brasileiro, autor de quase duas dezenas de curtas-metragens, professor universitário, fundador e ativo par-

ticipante da Associação Brasileira de Documentaristas, Sérgio Santeiro recebe uma homenagem na Cinemateca do MAM por ocasião do lançamento do seu primeiro longa-metragem, *O Bobo na rua*. A mostra *Encontro com Sérgio Santeiro* começa de forma presencial no auditório Cosme Alves Netto e segue para o canal online da Cinemateca.

Mais informações e programação completa em

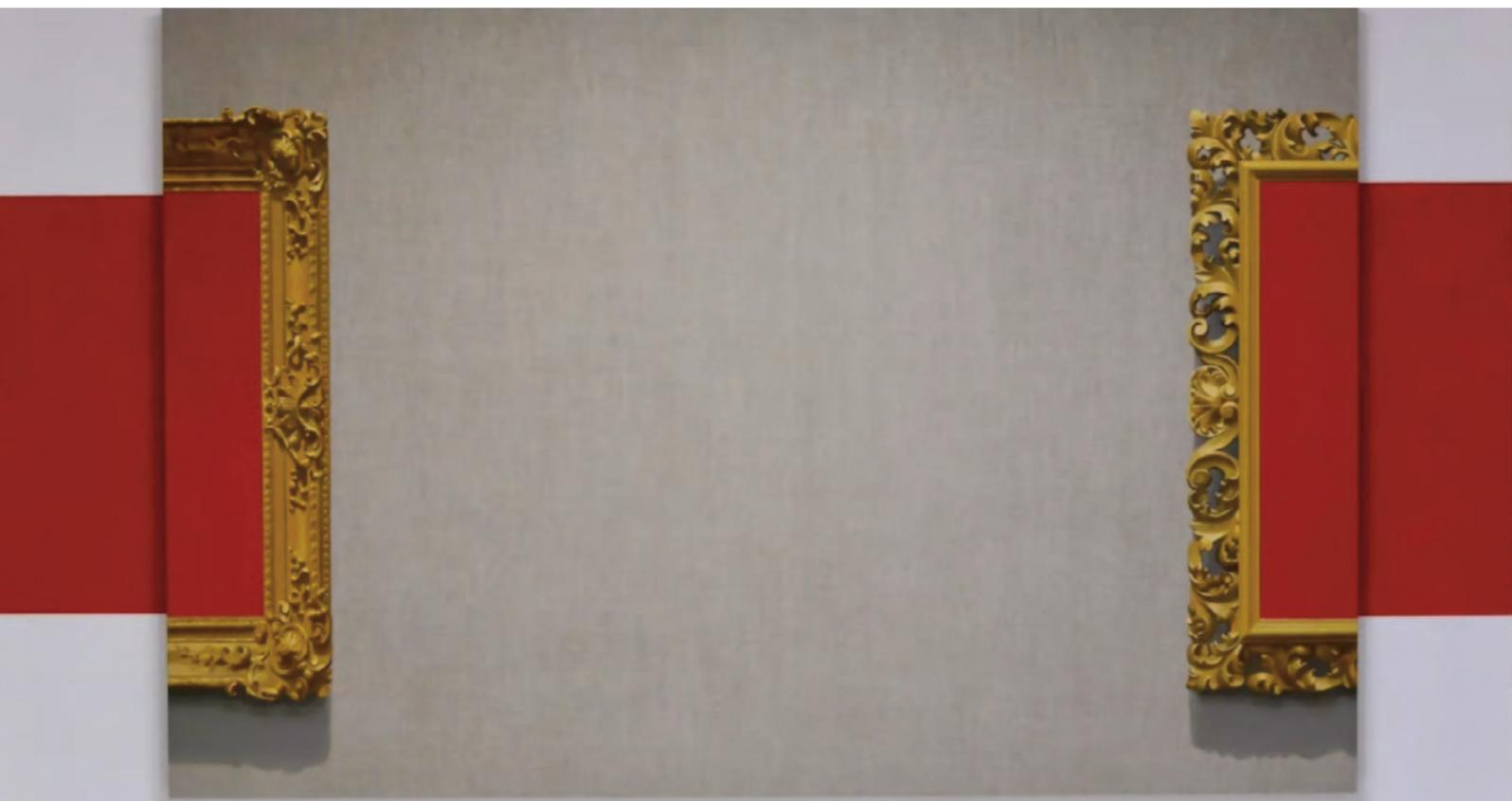
<https://mam.rio/>



Foto: Fabio Souza

STEPHEN BELL: O CONFLITO ENTRE A CULTURA KITSCH, O POP E EFEITOS TEATRAIS

Maria Hermínia Donato



Stephen Bell, *Unframed (Sem moldura)*, 2020

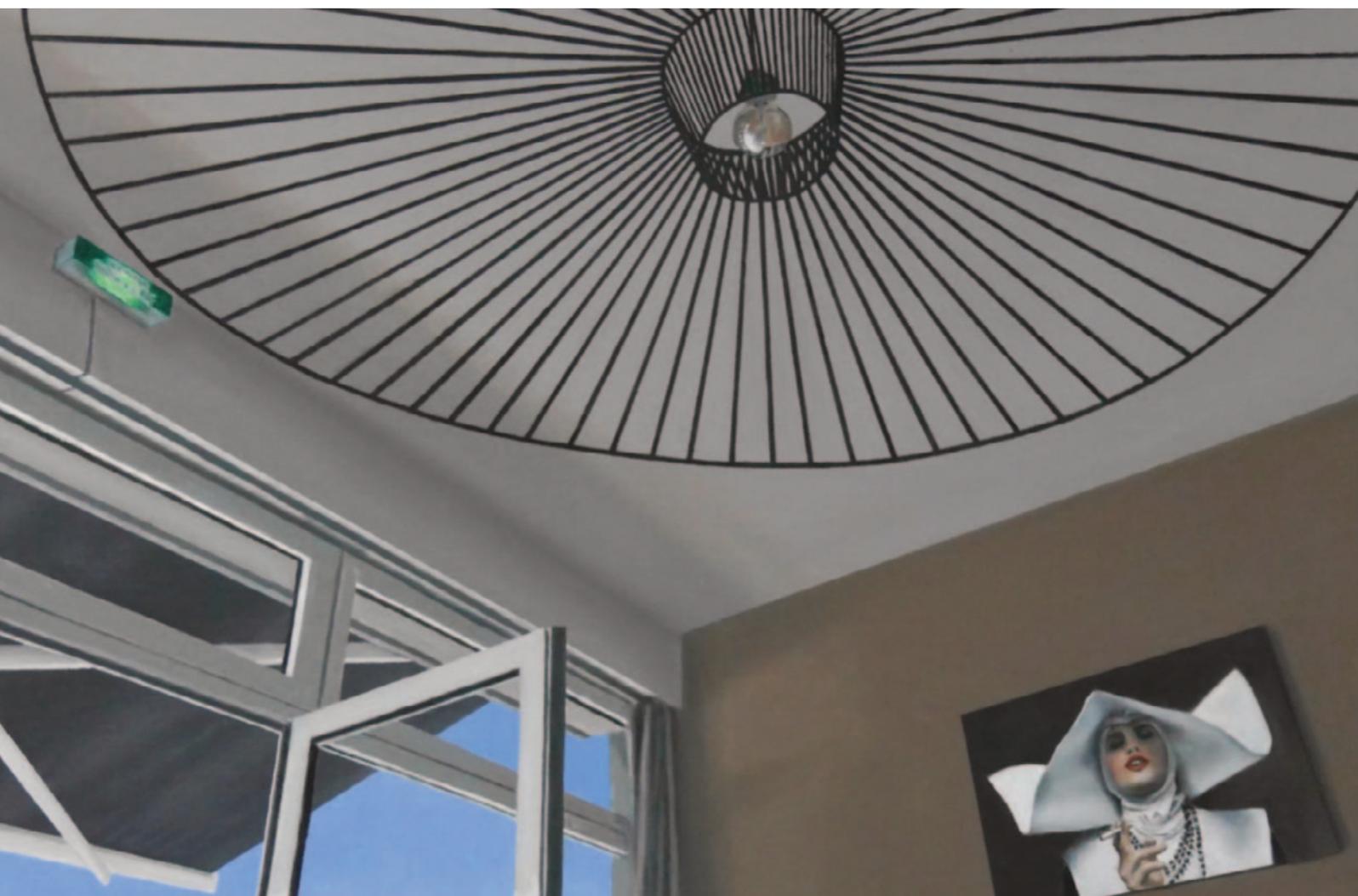
Foto: Divulgação

A chegada do Omicron foi recebida com grande apreensão. A passagem para meu Natal nos Trópicos estava marcada e um simples teste positivo acabaria com a celebração tão esperada por mim nos últimos dois anos.

Minha visita à exposição *What in Heavens Name Have I Done?* (O que em nome do céu eu fiz?), de Steve Bell,

na galeria postROOM, foi agendada com a certeza de que eu seria a única pessoa naquele horário.

Stephen Bell nasceu em Belfast e o *Quakerismo* foi uma importante influência na sua formação, com a valorização da integridade, verdade e simplicidade. Os *quakers* têm origem britânica e surgiram no ano de 1652 e



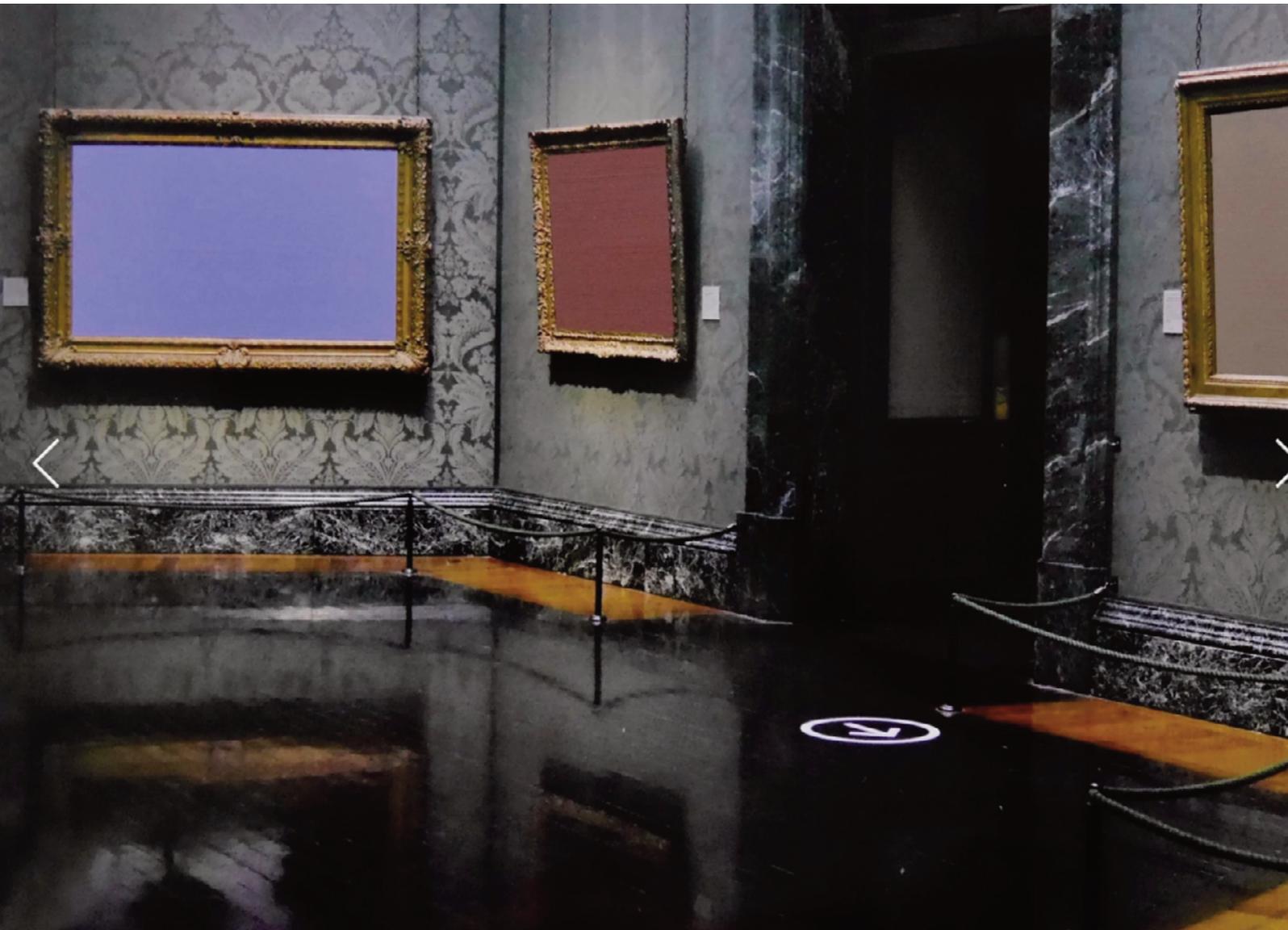
Stephen Bell, *Blue Sky (Céu azul)*, 2021

provocaram atritos entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte. Entre suas crenças, não aceitam organizações clericais e prezam ações pacifistas, beneficentes e solidárias. Acreditam que as pessoas têm a capacidade de sentir a presença de Deus sem nenhum intermediário e que todos os indivíduos são dotados de uma Luz Interior, que é o Espírito Santo.

O artista estudou arquitetura, cerâmica e artes plásticas, suas obras são principalmente pintura, instalação e fotografia. O fio condutor presente em seus trabalhos é o conflito entre a cultura kitsch, pop e efeitos teatrais. Sua obra é conceitual, atua como base para a estética. O foco está no que é representado, e não em como é representado.

Stephen Bell, *Delete #2 (Excluir #2)*, 2020

Foto: Divulgação





Stephen Bell, *Delete #1 (Excluir #1)*, 2020

Foto: Divulgação

Bell pinta objetos e temas que normalmente não seriam pintados; os transforma no elemento central da pintura e os apresenta de tal forma que nos tornamos conscientes de sua objetividade.

Ele brinca com diferentes escalas, provenientes de sua consciência espacial e do forte interesse por arquitetura.

As pinturas se referem à ausência e presença implícita. A ausência pode assumir várias formas – desde uma simples remoção, roubo ou censura. A retirada de uma parte da imagem substitui uma tela e, simultaneamente, implica a possibilidade de outras presenças.

O vazio costuma ter uma conotação negativa no Ocidente, mas as ideias orientais sobre meditação retratam o vazio de pensamento ou mente como um passo em direção à iluminação.

O trabalho atua como um bom somatório dos sentimentos conflitantes provocados pela ausência ou perda, e o espectador os sente ao negociar as diferentes camadas que habitam as obras.

Um dos prazeres da arte contemporânea é perguntar o que é algo e descobrir que sua aparência inicial enganosa dá lugar a uma lógica interna satisfatória. As perguntas, normalmente, são mais importantes do que as respostas.

SOBRE A GALERIA

postROOM é uma galeria de arte contemporânea no espaço aberto sala de jantar/cozinha em Islington, no norte de Londres.

Durante seus 18 anos de existência expôs trabalhos de 350 artistas em diferentes locais e cidades. *ROOM*, *ROOM TOO*, *FOUND GALLERY*, *ROOM London*,

ROOMARTSPACE, *ROAMING ROOM* e *postROOM* inaugurada em Setembro. *R O O M* foi inaugurada em Bristol, em 2002, em um anexo da casa projetada por Sandie and Mike Macrae.

A galeria tem uma trajetória muito interessante: primeiro se muda para o leste de Londres, depois, como *RoamingROOM*, passa a colocar arte contemporânea em edifícios dilapidados ou desabitados. Os prédios em estado bruto ou prestes a serem reformados têm uma história que inspiram cada artista a desenvolver seus trabalhos dentro do contexto da arquitetura.

Sandie Macrae, Aideen Morgan e Fiona Clague no texto sobre *RoamingRoom* perguntam:

Como a arte é integrada em seu espaço ou contexto?

Como isso cria novos relacionamentos, dinâmicas e tensões?

Como isso afeta nossas respostas emocionais e intelectuais ao trabalho?

Arte, vida, trabalho e domesticidade podem existir sob o mesmo teto?

Roaming ROOM e *postROOM* evoluíram especificamente em oposição ao cubo branco.

No *postROOM* as paredes são brancas e às vezes outras cores são usadas para harmonizar a arquitetura com as obras. Uma decisão a meu ver positiva é a inclusão dos objetos domésticos na mesma sala. O espaço é o que é e as obras mantêm seu verdadeiro habitat no ambiente doméstico.

Em 1974, Harald Szeemann, curador e historiador de arte suíço, criou uma exposição sobre seu avô no seu apartamento em Bern. Em 1986, Jan Hoet, historiador de arte, curador belga, contrata mais de 50 artistas para criar obras para 50 apartamentos e casas na cidade de Ghent. O show se chamou *Chambres d'Amis (sala de amigos)*.

Em 1991, o estudante Hans Ulrich Obrist inspirado nesses dois shows e com o incentivo dos artistas Christian Boltanski, Fischli and Weiss cria "*The Kitchen Show*" (*Show na Cozinha*). Segundo Obrist, o show influencia até hoje a sua prática curatorial e foi a mola propulsora da sua gloriosa carreira.

Hoje, o conceito de casa e sua capacidade de nutrir, proteger e confrontar nossas identidades mudou ao se tornar um espaço de moradia e trabalho. As exposições também vêm mudando e se adaptando ao novo *Modus Vivendi*, pois pandemia e o conceito por trás de cada show é explorar a arte fora do cubo branco, unificando os espaços público e privado e criando um ponto mais forte de acesso às obras.

41 Ecclesbourne Road

postROOM

London N1 3AF

Quinta a sábado, das 14h às 18h

Por marcação

postroomgallery41@gmail.com



Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.



SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com

OXIGÊNIO
revista